

Economia

Editor: Carlos Alexandre de Souza // carlosalexandre.dfabr.com.br 3214-1148 / 1191 (Economia)

8 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, domingo, 7 de março de 2021

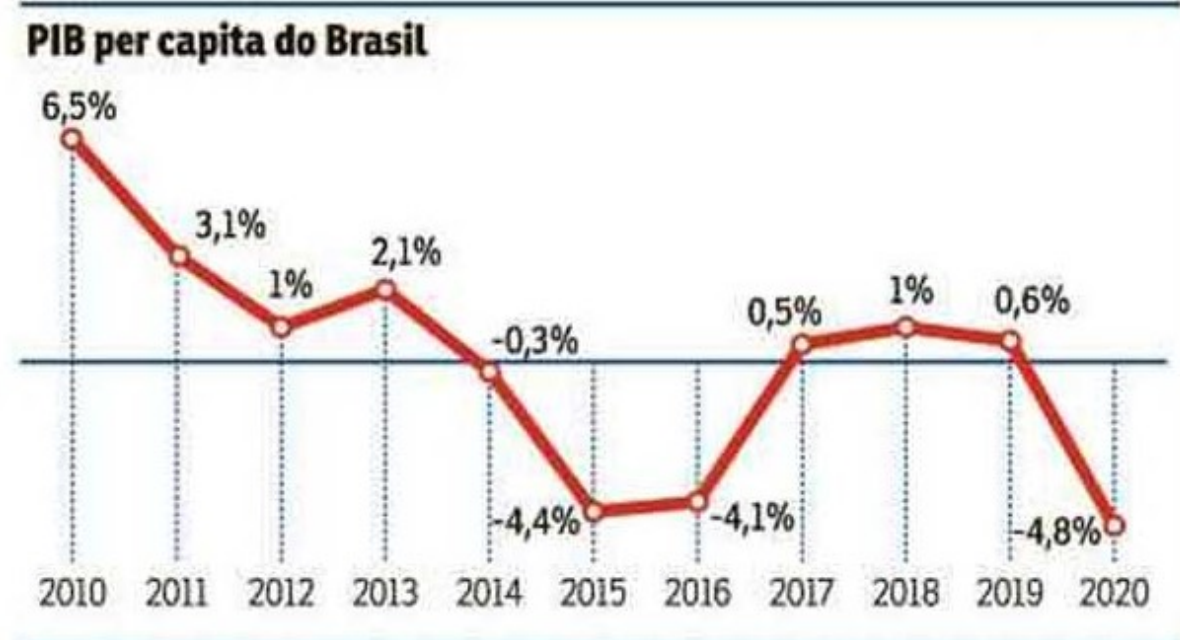
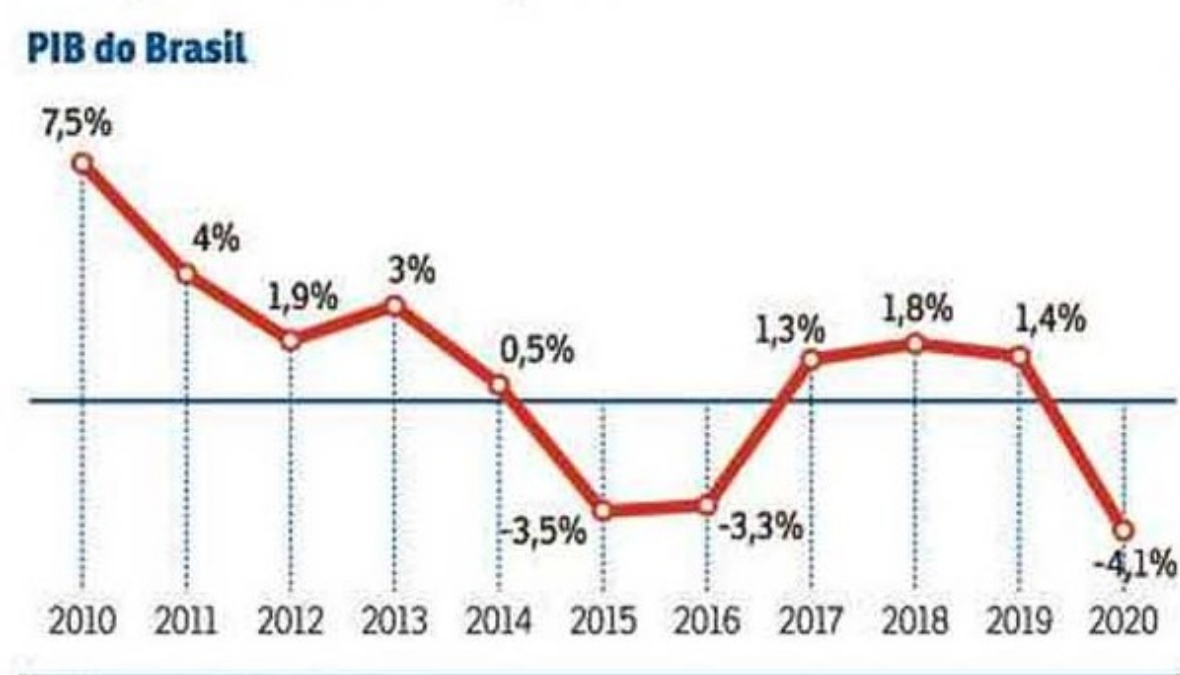
Bolsas Na sexta-feira 2,23% São Paulo 1,95% Nova York	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 111.540 / 115.202 2/3 3/3 4/3 5/3	Salário-mínimo R\$ 1.100	Na sexta-feira R\$ 5,683 (▲ 0,44%)	Dólar Últimas cotações (em R\$) 26/fevereiro 5,605 02/março 5,790 03/março 5,666 04/março 5,666 05/março 5,660	Euro Comercial, venda na sexta-feira R\$ 6,768	Capital de giro Na sexta-feira 5,28%	CDB Prefixado 30 dias (ao ano) 2,22%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2020 0,64 Outubro/2020 0,86 Novembro/2020 0,89 Dezembro/2020 1,35 Janeiro/2021 0,25
---	--	---	---	---	--	--	--	--

Mercado e especialistas projetam dificuldades para o país dar a volta por cima e estimam que crescerá menos que as principais nações, em 2021. Às dificuldades econômicas que vêm de antes da pandemia, soma-se o combate errático ao novo coronavírus pelo governo federal

Desgovernado, Brasil mergulha na pobreza

» MARINA BARBOSA

Um país mais pobre



Fonte: IBGE, Ipea, Ibré/FGV, Austin Rating e FMI

Superada a pandemia, o Brasil voltará a enfrentar os mesmos problemas de antes. Por isso, precisa enfrentar o custo Brasil, a complexidade tributária, os problemas de infraestrutura e de educação

Renato da Fonseca, gerente-executivo de economia da Confederação Nacional da Indústria

recuperação muito aquém do de outros países, pois a pandemia está fora de controle, e o Brasil está atrasado na vacinação. Por isso, ficará um pouco mais distante de outras economias", explica Sílvia Matos, pesquisadora sênior da área de Economia Aplicada do FGV/Ibre. "O país vai crescer neste ano, mas o crescimento não será maior que o de outros países emergentes para tirar a diferença. Além disso, o risco fiscal continua afetando os investimentos e o câmbio, o que atrapalha o crescimento", acrescenta o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini.

"Década perdida"

Segundo os especialistas, para garantir a retomada do crescimento econômico e conter o avanço da pobreza, o país precisa avançar na vacinação contra a covid-19, que vai permitir o funcionamento seguro das atividades econômicas, mas também olhar para o longo prazo. Afinal, antes da pandemia, o Brasil já vinha com dificuldades de crescer. Levantamento da Confederação

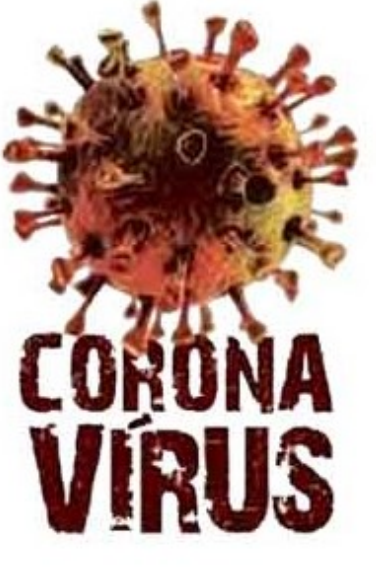
Veja as maiores economias do mundo

1º	Estados Unidos	PIB de US\$ 20,80 trilhões	23% do PIB global
2º	China	PIB de US\$ 14,86 trilhões	16,4%
3º	Japão	US\$ 4,91 trilhões	- 5,4%
4º	Alemanha	US\$ 3,78 trilhões	- 4,2%
5º	Reino Unido	US\$ 2,63 trilhões	- 2,9%
6º	Índia	US\$ 2,59 trilhões	- 2,9%
7º	França	US\$ 2,55 trilhões	- 2,8%
8º	Itália	US\$ 1,84 trilhões	- 2%
9º	Canadá	US\$ 1,6 trilhões	- 1,8%
10º	Coreia	US\$ 1,58 trilhões	- 1,8%
11º	Rússia	US\$ 1,46 trilhões	- 1,6%
12º	Brasil	US\$ 1,42 trilhões	- 1,6%

Projeção de crescimento para 2021



Nacional da Indústria (CNI) aponta que o PIB do país cresceu, em média, 0,8% ao ano entre 2010 e 2019, porque problemas estruturais vinham segurando o crescimento e os investimentos. Por isso, com a queda de 4,1% de 2020, o país teve mais uma "década perdida". Nas contas do FGV/Ibre, o Brasil cresceu apenas 0,2% ao ano entre 2010 e 2020. É um resultado bem pior que o registrado na década perdida de 1980: 1,6%. Ou seja, continuamos repetindo os erros que perpetuam a pobreza.



que o país está envelhecendo", explica Sílvia. A economista diz, então, que o país precisa avançar nas reformas estruturais, como a tributária, que prometem aumentar a produtividade e atrair investimentos.

"Superada a pandemia, o Brasil voltará a enfrentar os mesmos problemas de antes. Por isso, precisa reduzir o custo Brasil, a complexidade tributária, os problemas de infraestrutura e de educação", reforça o gerente executivo de economia da CNI, Renato da Fonseca. "O país já tinha um desafio antes da crise da covid-19. E, agora, veio uma crise muito dura, que aumentou o desemprego, o endividamento. Por isso, precisa enfrentar as reformas", reforça Sílvia. Ela ainda alerta: "O risco de não conseguir fazer reformas é retroceder, perder investimentos, perder mão de obra qualificada e ter um empobrecimento generalizado, como aconteceu com outros países latino-americanos".

Renda cai a níveis de 2009

Com a contração da economia, o brasileiro começou este ano mais pobre. É que, além de derrubar a atividade econômica, a crise do novo coronavírus reduziu em 4,8% o PIB per capita do país em 2020. O baque foi o maior dos últimos 30 anos e levou o brasileiro ao mesmo nível de renda de 12 anos atrás. Por isso, na avaliação de especialistas, não será revertido rapidamente se o crescimento econômico não acelerar no pós-pandemia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a crise da covid-19 derrubou em 4,1% o PIB do Brasil no ano passado, quando a população brasileira cresceu 0,7%. Assim, achou em 4,8% o PIB per capita — indicador que divide a riqueza pelo número de habitantes de um país e serve como um indicador do nível de renda da população. O PIB per capita foi de R\$ 35.172 em 2020 — valor que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), fez o brasileiro retroceder ao mesmo nível de renda de 2009.

Diretor do Ipea, José Ronaldo Souza Júnior explica que, devido ao baixo ritmo de crescimento econômico dos últimos anos, o brasileiro ainda não havia recuperado a renda per capita de antes da crise de 2014 a 2016. E, agora, viu esse empobrecimento se agravar por conta da covid-19, que colocou milhões de brasileiros na fila do desemprego e em situação de pobreza. Na década de 2011 a 2020, o saldo foi, portanto, de uma queda de 0,6% do PIB per capita.

Pressão

"O PIB per capita indica o nível de renda médio da população, é uma das principais medidas de bem-estar. Esse quadro tende a piorar os indicadores sociais de forma geral e aumentar a desigualdade", lembra Souza Júnior. "A queda do PIB per capita é um sinônimo de empobrecimento. Por isso, tende a pressionar os programas sociais e aumentar a demanda por serviços públicos como saúde e educação, justo neste momento em que o Orçamento está todo engessado, e ainda pode complicar a recuperação econômica, porque o consumo das famílias responde por 2/3 do PIB", reforça o economista sênior da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Fábio Bentes.

Para reverter esse processo de empobrecimento, não há saída, a não ser acelerar o crescimento econômico. "Como a população continua crescendo, é preciso aumentar o bolo de riqueza que será dividido entre os cidadãos para aumentar o PIB per capita", explica a gerente de Contas Nacionais do IBGE, Claudia Dionísio.

Diante dos desafios que se apresentam à retomada econômica do Brasil, a Tendências Consultoria avisa que levará algum tempo para a renda do brasileiro reverter a perda de 2020. Economista da Tendências, Lucas Assis diz que o PIB per capita deve crescer apenas 2,2% neste ano. Calcula que o brasileiro só retomará o rendimento per capita do pré-pandemia em 2023 ou 2024. Já para voltar ao PIB per capita 2014, só em 2027. (MB)